

NA FISSURA DO PRESENTE
In the disruption of the present

Eduardo Marandola Jr.¹

RESUMO

A propósito de refletir criticamente sobre os dez anos do Grupo de Pesquisa Geografia Humanista Cultural (GHUM), parto da minha trajetória no grupo mediada pela criação e consolidação do NOMEAR – Grupo de Pesquisa Fenomenologia e Geografia (FCA/Unicamp), buscando projetar esta situacionalidade no contexto da construção de uma fenomenologia do ser-situado como fenomenologia geográfica. Esta não se restringe à ciência geográfica, mas busca se constituir como um campo de atuação de interações entre Ciência, Filosofia e Arte, na esteira de uma episteme aberta, como caminho.

Palavras-chave: Ser-em-situação. Saber Noturno. Fenomenologia do ser-situado. Fenomenologia geográfica.

ABSTRACT

In order to critically reflect on the ten years of the Humanist and Cultural Geography Research Group (GHUM), I start from my trajectory in the group mediated by the creation and consolidation of NOMEAR – Phenomenology and Geography Research Group (FCA/Unicamp), and seek to project this situationality in the construction of the situated being phenomenology context, as a geographical phenomenology. This approach is not restricted to geographic science, but aims to constitute itself as a field of action for interactions between Science, Philosophy and Art, in direction of an open episteme, as a path.

Keywords: Being-in-situation. Night know; Being-situated phenomenology. Geographical phenomenology.

¹ Professor da Faculdade de Ciências Aplicadas da Universidade Estadual de Campinas. eduardo.marandola@fca.unicamp.br.
✉ Rua Pedro Zaccaria, 1300. Faculdade de Ciências Aplicadas (FCA/Unicamp). Limeira, SP. 13484-350.

Na fissura do presente
Eduardo Marandola Jr.

“A fenomenologia que pretendesse ser a medida da ontologia participaria do grande esquecimento do ser, que caracteriza a filosofia ocidental.”

Paul Ricoeur (2009)

PARA SE COLOCAR NA FISSURA

Em 2019 comemoramos a décima edição do Seminário Nacional sobre Geografia e Fenomenologia (SEGHUM), o que nos motivou a realizar um evento especial, organizado a partir do tema “Entre o passado e o futuro”. Este foi inspirado nas célebres considerações de Hannah Arendt que, a partir de uma parábola de Kafka, propõe que consideremos o presente como fissura, um intervalo, e não como o ponto da continuidade na linearidade do tempo.

Arendt (2013) nos provocava a considerar o presente, no âmbito do pensar, como possibilidade de interrupção, do estar “fora” do espaço e do tempo, como atitude, o que seria uma forma de escapar tanto do peso da tradição (e sua inevitabilidade), quanto da necessidade da ação em relação ao futuro. Este lapso, que Agamben (2015a) posteriormente relacionará ao contemporâneo, é justamente um momento privilegiado de considerar a temporalidade em um decurso de ação que não seja apenas a sucessão inexorável pré-determinada ou pré-determinante.

Tomo esta inspiração para me colocar nesta situação, nesta fissura, e poder assim contribuir para este movimento reflexivo e prospectivo acerca da trajetória do GHUM – Grupo de Pesquisa Geografia Humanista Cultural, fundado em 2008, responsável pelo SEGHUM. Farei isso, no entanto, assumindo uma situacionalidade mais particular, desviando de um esforço panorâmico: a busca e a construção de uma perspectiva fenomenológica na Geografia será o fio condutor que me leva ao

GHUM, passando pela criação de outro grupo de pesquisa, o NOMEAR – Grupo de Pesquisa Fenomenologia e Geografia, da Universidade Estadual de Campinas, como tributário e, ao mesmo tempo, parceiro dos esforços que ganham repercussão no e pelo GHUM.

Em vista disso, este texto tem um sentido autocrítico por tomar minha trajetória como guia. Mas não se trata de um esforço biográfico ou autobiográfico: antes, assumir minha experiência é uma estratégia de situar o conhecimento, articulando a partir dela elementos que são expressivos da variabilidade fenomenológica dos processos em tela. Há uma ambiguidade nesta estratégia, que pretende potencializar o movimento hermenêutico empreendido.

A estratégia ganha força quando notamos que o movimento auto reflexivo do GHUM sobre sua própria trajetória (e seu futuro) é o mesmo que ocorre em outros grupos do horizonte dos estudos humanistas e culturais em Geografia no Brasil, nascidos mais ou menos na mesma época. Isso aponta para uma situacionalidade compartilhada de consolidação destas pesquisas, no contexto da Geografia brasileira, acarretando a necessidade de novos saltos ou aberturas para que aquilo que fora constituído possa se desdobrar. Dito de outra maneira, a consolidação parece trazer também uma certa estabilização como contraparte, o que motiva movimentos de reavaliação e rediscussão dos sentidos do próprio movimento.

No meu caso, em particular, a realização de minha Livre Docência, em 2016, bem como as duas décadas de envolvimento com a Geografia e os 10 anos da defesa de meu doutorado (ambos completados em 2018) são eventos que me lançaram em uma reavaliação de minha produção, coadunando com este momento de reflexão em torno dos 10 anos do GHUM.

Boa parte deste tempo foi dedicada ao estudo de uma ciência, a Geografia, passando pelos caminhos da Filosofia e os diálogos

Na fissura do presente
Eduardo Marandola Jr.

interdisciplinares orientados pela epistemologia e depois pela ontologia, tendo a Arte como referência. Este direcionamento interdisciplinar se potencializou e ganhou outros desdobramentos desde que me tornei docente da Faculdade de Ciências Aplicadas da Unicamp, em Limeira, cuja estrutura não departamental se orienta por práticas interdisciplinares.

O interesse pela epistemologia constitui, provavelmente, a linha mais perene neste caminho. Não como subcampo da Filosofia, mas como uma preocupação com o **como se dá** (ou **como pode se dar**) o conhecimento, ou seja, no sentido de episteme. Dela, desdobra-se um interesse pela ontologia (o sentido e a pergunta pelo Ser) o que gerou a aproximação tanto com a Fenomenologia quanto com o Existencialismo.

Estas preocupações não são exatamente as mesmas ao longo destes mais de 20 anos de vida acadêmica. O contexto científico é outro, assim como a Geografia, suas relações com as demais ciências humanas, bem como o momento sociopolítico e cultural de nosso tempo. Por isso, refletir sobre estes caminhos, de forma autocrítica, é importante para que o ímpeto de inquietude não se arrefeça, acomodando-se na forma de uma construção estabelecida, pronta para sua reprodutibilidade e aplicação; uma postura que parece ser endêmica nas estruturas universitárias contemporâneas.

Colocar-se nesta fissura para pensar passado e futuro, no entanto, é difícil. Como afirma Arendt (2013), citando a parábola de Kafka, é como se estivéssemos presos em uma posição na qual somos simultaneamente impedidos de retroceder e, ao mesmo tempo, impedidos de avançar. Como se não bastasse, ambos nos pressionam na direção contrária, o que implica que aquele que nos impede de retroceder nos ajuda, simultaneamente, a resistir àquele que nos impede de avançar, e vice-versa.

Para Arendt, é necessário tergiversar o impasse, buscando uma diagonal, tal como o caminho que escolhi para meditar sobre o GHUM neste artigo. Coerente com minha própria forma de entrada nestes temas, seguirei as pistas da busca pela Fenomenologia no fazer geográfico que é, no meu caso, a maneira como participo deste movimento multifacetado e polissêmico das geografias humanistas e culturais no Brasil.

RISCOS E ESPERANÇAS DA FENOMENOLOGIA EM GEOGRAFIA

Me inspiro no título de um artigo da grande geógrafa irlandesa, Anne Buttmer, que nos deixou em 2017, para nomear este primeiro item: "*Fênix, Fausto, Narciso: esperanzas y riesgos del humanismo en Geografía*".²

Neste texto, a geógrafa refletia, a partir destas imagens míticas, três movimentos intercalados: **Fênix**, como uma criação que ressurge das cinzas, símbolo da liberdade e do desejo de um novo começo; **Fausto**, como a tendência permanente de construir movimentos, estruturas e planos que garantam o progresso e a ordem; e **Narciso**, que teria o papel oposto, rechaçando a crítica, enamorado de sua própria imagem.

Acho muito pertinente retornar a esta leitura pois, quando me encontrei com a Fenomenologia no contexto da Geografia Humanista, no final dos anos 1990, esta era uma autêntica Fênix. Embora já houvesse pesquisadores trabalhando com abordagens fenomenológicas, estes o faziam de forma isolada ou pontual, prevalecendo a compreensão, pelo conjunto da Geografia, de que se tratava de um momento datado

² Este texto foi base para participação de Buttmer no "Colóquio Humanismo y Geografía", realizado na Espanha, em 1985, por Aurora Garcia Ballesteros, tendo duas versões: uma mais ampla e completa publicada em espanhol, em 1992, no livro dedicado ao evento e outra mais curta, publicada em inglês, no "Annals of the Association of American Geographers", em 1990 (BUTTIMER, 1990; 1992).

Na fissura do presente
Eduardo Marandola Jr.

da história da disciplina, o que tornava bastante desafiador trilhar este caminho (MARANDOLA JR., 2013). Mesmo na Filosofia ou nas demais ciências humanas e sociais, havia poucos livros traduzidos (a maioria fora de catálogo) e disponíveis em português sobre Fenomenologia; tampouco havia revistas ou grupos organizados que estavam dedicados a ela de forma sistemática. A maioria das estruturas (grupos de pesquisa, revistas, eventos, publicações) que animam uma cena fenomenológica muito dinâmica no Brasil atualmente, estavam dando seus primeiros passos. Assim, pude acompanhar o florescer desta Fênix, na forma da Geografia Humanista, de forma específica, mas também na difusão e amplitude dos estudos fenomenológicos em vários campos do conhecimento no Brasil.

Foi neste contexto que me formei e realizei minha pós-graduação: trabalhando com um campo da Geografia e uma abordagem consideradas ou ultrapassadas ou sem respostas para as questões prementes daquele tempo. Ainda estávamos muito próximos da dissolução do mundo socialista e a globalização estava em processo de consolidação. Os estudos culturais e os movimentos intelectuais e sociais que aconteceram no Brasil a partir dos anos 2000 estavam ainda em constituição. Pensar em uma ciência voltada para a experiência, fazer a pergunta pelo Ser, insistir em uma forma de humanismo, considerar a percepção e a vivência das pessoas na constituição de lugares e paisagens parecia tudo muito distante não apenas da Geografia, como ciência, mas das fileiras das ciências humanas e sociais. Estava muito presente a sombra do autoritarismo político e do formalismo de perspectivas científicas neopositivas, além de uma necessidade de dar respostas estruturais para os problemas sociais sempre presentes no país.

Apesar disso, os estudos fenomenológicos, em geral, e os estudos humanistas na Geografia, em particular, receberam contínua atenção

e novos adeptos de forma crescente desde os anos 2000. Se é verdade que algumas críticas antigas permaneceram sempre presentes (por vezes, cruzando-se entre reproduções de outros tempos e lugares e formas limitadas de adoção e uso de seus posicionamentos), seu contínuo interesse, em especial pelas novas gerações de geógrafos e geógrafas, aponta para a vazão que tais perspectivas ofereciam para latências que não estavam contempladas ou não recebiam abertura em outras tendências.

Neste contexto, de uma abordagem considerada (ultra)passada, ela participa do movimento de renovação da Geografia Cultural no Brasil, mantendo com este campo maior uma relação de cumplicidade (pelo compartilhamento do mesmo horizonte) e independência (pela ênfase em uma perspectiva fenomenológica explícita). Se tomarmos a análise de Foucault (2000) sobre a arqueologia das ciências humanas, a distinção está expressa pela aproximação das perspectivas ou ao espectro da Filosofia ou a uma esfera social, que se constituiu como campo próprio. No primeiro caso, é latente em alguns autores da Geografia Humanista que buscam orientação na Fenomenologia, por exemplo, enquanto o segundo caso é bem exemplificado por perspectivas da Geografia Cultural que se aproximam de uma preocupação social (tanto sociológica quanto antropológica) de forma explícita.

Sem querer produzir um esquematismo que distinga de forma rígida estes campos, Geografia Humanista e Geografia Cultural seriam melhor compreendidas, assim, como **geografias humanistas e culturais**, pois expressam uma multiplicidade de abordagens e perspectivas que constituem um amplo e diversificado campo de estudos no Brasil. A Fenomenologia constitui, neste âmbito, tanto uma abordagem que aparece de forma diluída e/ou difusa entre as perspectivas, quanto um campo específico quando adotada de forma radical. O GHUM é

Na fissura do presente
Eduardo Marandola Jr.

justamente um dos lugares nos quais este segundo caso é abrigado, assim como o NOMEAR.

Neste sentido, de uma abordagem limitada a livros de história, tanto a Geografia Humanista quanto uma perspectiva fenomenológica da Geografia não apenas se difundiram como galgaram institucionalização, acompanhando o processo que se deu na Geografia Cultural como um todo. Grupos e laboratórios de pesquisa, investigações de mestrado e de doutorado, projetos financiados, revistas especializadas, livros, eventos nacionais e internacionais, linhas de pesquisa formais, etc. A consolidação parece evidente.³

A pergunta que me perseguiu nestes anos mais recentes, portanto, foi: será que assumimos a atitude faustiana? Nos solidificamos, pela institucionalização?

A esta dúvida aterradora se somavam dificuldades de fazer uma espécie de transição entre aquela Fênix reluzente e sem grandes responsabilidades com as inumeráveis demandas da vida acadêmica, além da proeminência de uma outra Fênix, a da filosofia da diferença, cuja crítica pós-fenomenológica e pós-humanista acentuava, na repercussão tardia na Geografia brasileira, os embates dos anos 1960 e 1970 na cena da filosofia francesa (BADIOU, 2015). No meu caso, sentia de forma crescente a sensação de ter assumido a estrutura e a imagem de Fausto.

Como se isso não fosse o bastante, Buttimer aponta que ambos, Fênix e Fausto, guardam o risco de se converterem em Narciso: tanto pela soberba da luz que emana no emergir criador e renovador da Fênix,

quanto pela estabilidade das estruturas faustianas que nos permitem negar a força do movimento renovador, ensimesmando-nos em nosso próprio projeto intelectual autossustentado.

Admito que devo ter errado nos dois sentidos: como Fausto e como Narciso.

No final da minha Livre Docência, confessei essa situação um tanto incômoda, de ao mesmo tempo continuar sendo questionado por setores apegados a uma visão de ciência pragmática (seja neopositivista, seja materialista) sobre a cientificidade do meu trabalho (ou seja, ainda havia alguma luz nesta Fênix), mas, ao mesmo tempo, ser acusado de conservador por pessoas ligadas à filosofia da diferença ou ao pós-estruturalismo (esta nova Fênix) (MARANDOLA JR., 2016a).

Parece uma narrativa melancólica. Mas nestes ciclos míticos, a busca não é o eterno reluzir da Fênix. Na verdade, estas imagens míticas que Buttimer (1992) evocou há quase 40 anos nos ajudam a pensar o humanismo (em suas múltiplas formas e sentidos) como **uma canção de liberdade**. Buttimer não se refere, assim, a um humanismo formal, mas ao próprio ímpeto renovador, ligado à *poiésis*, à *paidea* e à *práxis*: valores que se reinventam e ganham sentidos em cada tempo e lugar.

Na realidade, não é incomum encontrarmos ondas de renovação e criação que reagem a sistemas de pensamento cristalizados que assumem posturas normativas. Mesmo que tenham sido anti-hegemônicos no momento de seu surgimento, podem se tornar os novos Faustos a partir de uma estabilização e reprodução de seu *modus operandi*.

Assim, devemos resistir à tentação de buscar salvação, como se a adesão a uma perspectiva nos permitisse atingir um fim último, em seu sentido absoluto, garantindo-nos um posicionamento definitivo. Na realidade, a oscilação relativa nesta sociologia política do conhecimento exprime o movimento da própria vida e, por isso,

³ Esta consolidação é expressiva quando consideramos o conjunto dos grupos de articulação nacional que as geografias humanistas e culturais representam atualmente: o Núcleo de Estudos e Pesquisas Sobre Espaço e Cultura (NEPEC), o Núcleo de Estudos em Espaço e Representações (NEER), a Rede de Micro e Multi Territorialidades e Rede de Pesquisa "Imagens, Geografias e Educação", para citar apenas aqueles que organizam, há mais de 10 anos, eventos nacionais, publicações e articulam-se de forma interinstitucional.

Na fissura do presente
Eduardo Marandola Jr.

é fundamental compreender, a cada tempo e de forma autocrítica, a dinâmica do pensar e do próprio mundo.

Esta posição de Fênix, portanto, é relativa e fugaz: passado o ímpeto renovador, o que faz a Fênix? Desaparece ou se converte em estrutura.

Uma pergunta se coloca então: devemos continuar a nos dedicar ao estudo da fenomenologia a partir daquela tradição da Geografia Humanista? Como assumir sua estrutura faustiana sem incorrer na mera reprodução daquilo que fora desenvolvido no âmbito de seu movimento como Fênix? Ou devemos quebrá-la? O que pode a Fenomenologia no que se refere às questões do nosso tempo?

Gostaria de enfrentar estas perguntas, que falseiam nossas opções, passando por três aspectos que, no meu entendimento, permitem me posicionar em relação a esta espinhosa questão, ao mesmo tempo situado e reverberando este posicionamento no e para o GHUM.

EPISTEMOLOGIA (EPISTEME) E ONTOLOGIA

Vou começar talvez pelo mais desafiador: **epistemologia** e **ontologia**, que vivem sob constante ataque. No primeiro caso, por expressar um conhecimento racional, formal, que coloca de lado, de saída, toda a mística e o saber vivido, experienciado – a negação da existência. No segundo caso, por colocar-se como projeto de Si que nega o Outro, trazendo-o para o campo do Mesmo – a negação da alteridade.

Nestas duas arenas movimentam-se todos os exércitos, heróis e anti-heróis no pensamento contemporâneo. Tanto para o GHUM quanto para o NOMEAR, ambas são vitais, pois reverberam a necessidade de construção de uma perspectiva no contexto da Geografia a partir da Fenomenologia. Algo recorrente a quem inicia seus estudos neste campo é perguntar-se sobre os fundamentos

epistemológicos e históricos: de onde vem? Quem começou com tais investigações? Estes questionamentos se desdobram em novos tensionamentos acerca das possibilidades e implicações metodológicas de tais concepções do campo epistemológico: como fazer uma pesquisa em Geografia Humanista ou na Geografia Cultural? A Fenomenologia seria método para pesquisa? Como construir uma pesquisa a partir ou com a Fenomenologia?

No que se refere tanto à epistemologia quanto à ontologia, é importante lembrar que até o início dos anos 2000, a bibliografia disponível em português se limitava aos poucos textos traduzidos ainda nos anos 1970 e início dos anos 1980, além dos textos produzidos pelo grupo de Rio Claro (a partir dos trabalhos de Livia de Oliveira no campo da percepção geográfica) e outras contribuições pontuais⁴, bem como às publicações de João B. de Mello e Werther Holzer, para citar dois autores que fizeram trabalhos monográficos durante a primeira metade da década de 1990, explicitando a Geografia Humanista e suas influências fenomenológicas (MELLO, 1990; 1991; HOLZER, 1992; 1993).

Quando o GHUM se forma, no final da década seguinte, em 2008, momento em que o movimento da Geografia Cultural já havia renovado em muito a bibliografia disponível, seja por textos nacionais ou traduções, também havia a demanda por semelhante renovação em termos da Geografia Humanista. Esta, até então, havia se beneficiado da Nova Geografia Cultural, sobretudo pelos impulsos que o Núcleo de Estudos e Pesquisas Sobre Espaço e Cultura (NEPEC), da Universidade

⁴ Em artigo publicado em 2003, realizamos um levantamento que permite uma visão geral dos textos disponíveis durante quase 20 anos e que alimentaram os trabalhos de muitas pesquisas pelo Brasil (MARANDOLA JR.; GRATÃO, 2003). Outra fonte desta bibliografia, está na obra "Percepção do meio ambiente e geografia: estudos humanistas do espaço, da paisagem e do lugar", que apresenta a perspectiva de uma das pioneiras dos estudos da Geografia Humanista no país, Livia de Oliveira (OLIVEIRA, 2017).

do Estado do Rio de Janeiro (UERJ), havia dado também a este campo. Como destacado, no entanto, esta renovação, no caso da Geografia Humanista, estava mais focada na Fenomenologia, que orientou as teses de doutorado não apenas dos geógrafos mencionados (HOLZER, 1998; MELLO, 2000), mas também de outros que realizaram seus trabalhos monográficos nos anos seguintes, como Solange de Lima, Amélia Nogueira, Salette Kozel e Lúcia Gratão (LIMA, 1996; NOGUEIRA, 2001; KOZEL, 2001; GRATÃO, 2002).

O movimento promovido pelo GHUM, portanto, consistia na busca por aprofundamento nos fundamentos da Fenomenologia a partir da incorporação realizada de forma pontual (não sistemática) tanto pelos geógrafos anglo-saxões, quanto por estes primeiros trabalhos que aparecem no Brasil, que mostram diferentes níveis de incorporação da Fenomenologia à Geografia. A necessidade de ir às fontes, ou seja, de beber diretamente na Filosofia, se mostrava fundamental para que pudessemos construir uma perspectiva fenomenológica da Geografia, própria e apropriada.

Assim, esta poderia ser considerada a principal orientação de trabalho que o GHUM, quando se constituiu, delineou para si, desdobrada em três estratégias diferentes, mas complementares, de estudos sistemáticos:

- Estudos de autores específicos, em geral filósofos, que pudessem abrir novas perspectivas de estudo;
- Um mergulho nos autores e na produção dos geógrafos humanistas, uma rica bibliografia que, no geral, até hoje temos um conhecimento e diálogo até certo ponto, limitado;
- Um investimento em construção de metodologias efetivamente fenomenológicas de investigação, indo além da renovação epistemológica dos anos 1970, muito importante para a época, mas que era insuficiente para nós.

Cabe lembrar que três autores comparecem fortemente, até esta época, nos trabalhos geográficos: E. Husserl, M. Heidegger e M. Merleau-Ponty, com alguma presença pontual de E. Cassirer, G. Bachelard e A. Schultz. Assim, acompanhar a repercussão e presença do pensamento destes autores também fazia parte deste esforço do GHUM, até como maneira de compreender melhor os fundamentos de construção da Geografia Humanista e suas influências fenomenológicas, como fora realizado em alguns destes casos. Os numerosos trabalhos foram realizados a partir de diferentes enfoques:

- Orientados no pensamento de filósofos específicos, como M. Heidegger (HOLZER, 2010; MARANDOLA JR., 2012), G. Bachelard (GRATÃO, 2016; DIAS, 2016), E. Husserl (FERREIRA, 2016a; 2016b), E. Stein (PALHARES, 2016), F. Nietzsche (DAVIM, 2015, 2017) e J. Patocka (ROSAS, 2017);
- Avaliando possibilidades de interlocução com outras áreas do pensamento, como a filosofia da diferença (GUIMARÃES; RIBEIRO, 2016) e a ecologia profunda (BRANDÃO, 2017);
- Aprofundando a obra de geógrafos, a exemplo de Berque (DAL GALLO, 2014; MARANDOLA; OLIVEIRA, 2018) e Dardel (DAL GALLO; MARANDOLA JR., 2015; DAVIM, 2015; LIMA, 2018); ou
- Realizando análises sobre a recepção e desdobramentos em comunidades nacionais, como os estudos sobre a Geografia Humanista no Japão (DAL GALLO, 2015) ou da Fenomenologia na França (a partir do "*L'espace géographique*") (DE PAULA, 2014).

No entanto, o campo fenomenológico é muito mais amplo do que este conjunto de autores, bem como as temáticas e aproximações com outras áreas do conhecimento e tendências de pensamento. De certa forma, a Fenomenologia, como aparece no período de construção da Geografia Humanista, é de certa forma bastante restrita e restritiva,

Na fissura do presente
Eduardo Marandola Jr.

tanto por razões históricas do processo de recepção dos autores, quanto pelo próprio estado da discussão fenomenológica, naquele momento, em geral.

Isso não significa que não havia estudos aprofundados ou de grande verticalidade ou amplitude da Fenomenologia. No entanto, havia, por contingências históricas, limitações para a repercussão mais ampla das perspectivas oriundas da Fenomenologia para o fazer científico. Dito de outra forma, havia uma apropriação primeiramente epistemológica, pouco repercutida na ontologia ou mesmo na metodologia e na ética, à maneira pragmática da ciência estadunidense. Neste sentido, a promoção de novos estudos que visavam tanto a reapropriação dos autores e de suas obras de forma ampla, quanto a incorporação de outros autores e suas possibilidades de diálogo, temas e perspectivas, permitiu abrir muito mais frentes se comparado com aqueles movimentos iniciais, produzindo reverberações tanto para a ontologia da Geografia quanto para o fazer geográfico, como prática (metodologia).

Quanto à ontologia, estes esforços retomaram especialmente a preocupação precursora de Dardel (2011) com o sentido existencial do geográfico, ou o sentido geográfico da existência. Isso é importante à medida que nos provoca repensar o próprio escopo da epistemologia que, no fundo, talvez nem fosse o melhor termo para ser utilizado, devido à sua polissemia e associação a aspectos formais de produção lógica do conhecimento. Ela já foi ressignificada em vários momentos da história: pela proposta arqueológica de Foucault (2000), remetendo à episteme, pelo sentido mais amplo de gnosiologia, como em Lévinas (2011), ou pela própria ontologia fundamental de Heidegger (2012a), que lança a questão do conhecimento para a existência.

Em meu ponto de vista, o termo “epistemologia” continua tendo um papel de sinalizar uma preocupação com caminhos para pensar

o conhecimento, mas ele também gera obstáculos a algumas interlocuções. No entanto, o termo possui variações importantes, inclusive para além do escopo fenomenológico, trazendo articulações e implicações para questões não apenas ontológicas, mas éticas e políticas também. Por isso, se o termo epistemologia ainda é útil, deve ser compreendido neste sentido mais ampliado.

A ontologia, neste sentido, contribui para esta ampliação do sentido da própria epistemologia, o que uma perspectiva fenomenológica frequentemente potencializa.

Quanto à metodologia, a abertura de frente tem relação com nossa constituição científica e com a importância que tanto os fenômenos da experiência e da vivência possuem para a Geografia quanto para a Fenomenologia. No fundo, mais importante do que a Fenomenologia ou outras perspectivas de orientação filosófica, é a experiência geográfica que é o centro de nossas preocupações. Por isso a geograficidade nos toca tanto em termos de um fazer geográfico de maneiras outras (DARDEL, 2011), assim como a filosofia da ação de Cassirer, que recebeu contínua atenção nos últimos anos (GIL FILHO; SILVA; GARCIA, 2019).

As questões metodológicas assumem assim um sentido para além de um “como fazer, demandando um grande esforço para repensar nosso papel como seres-no-mundo (BERNARDES, 2016). As implicações de nossas práticas e atitudes estão diretamente articuladas com as questões epistemológicas e ontológicas, e por isso o projeto de uma geografia orientada pela Fenomenologia não foi radicalizado nos anos 1970: em parte, pelas próprias limitações da incorporação deste “como fazer” de maneira mais ampla – o que envolve também nossa própria linguagem e escrita.

Este esforço metodológico é muito importante pela possibilidade de colocar as múltiplas experiências e existências no centro do fazer

Na fissura do presente
Eduardo Marandola Jr.

geográfico. É preciso um cuidado para que o esforço teórico da epistemologia ou da ontologia não se sobreponha à centralidade que este ser-com do processo de pesquisa, esta relação de alteridade, seja efetivamente o centro.

Daí advém talvez uma das mais importantes contribuições das geografias humanistas e culturais para a ciência geográfica: deixar emergir, para o conhecimento geográfico, esta pluralidade e multiplicidade de modos de ser que constituem nossas geografias.

Neste sentido, um dos desafios deste grande campo ou horizonte da Geografia, certamente, é deixar-se permear por múltiplas contribuições, temas e perspectivas, não assumindo uma única orientação, mas resguardando na experiência e na existência compartilhada sua potencialidade.

Isto remete diretamente à forma como tendemos a organizar o trabalho científico, em suas grandes correntes epistemológicas. As muitas formas artificiais de classificar e organizar estas tendências, como a separação entre as ciências lógicas, as empírico-formais e as hermenêuticas (LADRIÈRE, 1977), ou outras maneiras de distinção rígida que ocultam ou aplainam os múltiplos aspectos políticos, sociais, culturais, históricos e geográficos que envolvem a construção do conhecimento.

Isso implica que o desafio de um fazer fenomenológico e suas potenciais contribuições para a Geografia precisa enfrentar uma questão que está para além de sua efetividade epistemológica. Envolve o embate discursivo (em um sentido foucaultiano) entre “efetividade” e “validade” de promoção de uma leitura ou compreensão da realidade e sua potencialidade em intervir e promover ações práticas.

A crítica ao pensamento racional moderno já perdeu sua força mobilizadora: a crítica à sua fragmentação, à necessidade de consideração da experiência, o papel do sujeito no conhecimento e até

o seu sentido ético podem ser considerados componentes do cenário das ciências humanas e sociais contemporâneas – e não apenas pela crítica fenomenológica. Em vista disso, a pergunta a ser feita é: o que as ciências humanas e sociais, ávidas em criticar o modelo moderno de ciência, têm para oferecer, além de uma narrativa? Quão capazes temos demonstrado ser na produção de estudos que sejam aderentes a lugares e grupos sociais que não sejam apenas exercícios acadêmicos de produção de representações? Dito de outra maneira: o quanto nossos trabalhos são relevantes para o mundo, e não apenas para o nosso mundo, dos nossos pares?

Como “relevância” é uma construção histórica, essa questão está longe de ser nova. Paul Ricoeur a coloca, à sua maneira, no livro “Na escola da fenomenologia”, mais especificamente no texto “Sobre a fenomenologia”. Neste texto, Ricoeur retoma as dificuldades de Husserl em escapar do idealismo de boa parte de sua obra, que contrastava fortemente com seu porto de chegada, a concretude do vivido no mundo-da-vida (RICOEUR, 2009).

Para Ricoeur, o coração do projeto fenomenológico está justamente nesta força mundana, ou seja, no lançar-se do sujeito neste mundo ordinário, fático, vivido, o que, contraditoriamente, não é a força representativa (método interpretado) da filosofia de Husserl, embora o seja no método praticado por ele em sua obra.

Se Husserl prima pelo trabalho na esfera epistemológica, inicialmente, este se converte também em ontologia à medida que se pergunta pela relação entre ser e essência. Esta ontologia, tema fundante da filosofia ocidental, é o ramo principal de Heidegger, como o sabemos, que toma para si a tarefa da reabertura da possibilidade da pergunta pelo Ser. No entanto, como esclarece Ernildo Stein, o texto que fez Heidegger despertar para esta questão não é de Husserl, mas se tratava de um texto dedicado à multiplicidade do ser em Aristóteles

(STEIN, 2015). É muito significativo que a questão do ser tenha aparecido a Heidegger vinculada à multiplicidade (muito longe de uma compreensão objetificadora ou entificante da ontologia) e dissociado daquilo que conheceria apenas anos mais tarde com Husserl e a fenomenologia, encantando-se por ela não como Filosofia, mas como método.

Essa é uma distinção muito importante que já se apresenta no próprio Husserl que, ao se propor elaborar a Fenomenologia, não o faz senão como “um tratado da decomposição do espírito”, nas palavras de Ricoeur (2009, p. 172), que afirma ainda: “A obra de Husserl é o tipo de obra não resolvida, embaralhada, rasurada, arborescente” (RICOEUR, 2009, p. 170). Ricoeur credita à própria estrutura da obra uma impossibilidade de ortodoxia husserliana, o que certamente é uma de suas virtudes e contínua fertilidade.

No caso de Heidegger, ele tomará este entendimento à risca, o que lhe custa um certo afastamento da Fenomenologia, mas em uma interpretação e uso dela acrescido de um movimento hermenêutico, o que dá contornos próprios à sua filosofia, como nos faz notar Gadamer (2014), de forma magistral.

No sempre lembrado parágrafo 7 de “Ser e tempo”, Heidegger (2012a) expressa sua apropriação da fenomenologia como caminho, como maneira de fazer a interrogação filosófica, a qual ele coloca em movimento em sua analítica existencial da ontologia da facticidade. Epistemologia se converte em ontologia em Heidegger, já que conhecer é ser, ser é saber. A existência fática, mundana, em sua não menos conhecida formulação do ser-no-mundo desdobra a intencionalidade husserliana para fora, para a exterioridade da abertura e do encontro. Ser-no-mundo é ser-com, ser-aí, ser-em, na imediaticidade da abertura.

Entendendo a fenomenologia hermenêutica heideggeriana como método, como ato próprio do filosofar, devemos ler com atenção sua

obra naquilo que ela propõe como uma outra ontologia que se converte também em Fenomenologia.

Esta apropriação aberta (frouxa, dirão os críticos), atenta ao modo, ao como, ao praticado, é importante para nós, não filósofos, em nossas incursões pelas obras filosóficas que, segundo a tradição da história da Filosofia, possuem seus próprios métodos de leitura e interpretação.

No caso da forma como ela tem sido apropriada pelo NOMEAR, por exemplo, reverbera sobretudo nos conceitos de espaço, lugar e habitar, além de uma preocupação com a poética, como criação, e com o Embate Terra-Mundo como possibilidade de desvelamento, na articulação Filosofia-Ciência-Arte.

UMA LUZ E DUAS FACES DO NOTURNO

O projeto inicial da Fenomenologia na Geografia, caminho trilhado nos anos 1960 e 1970, sobretudo em países anglo-saxões, teve como foco renovar o pensamento geográfico mas foi plenamente moderno. Em que sentido? Isso significa que a compreensão ontológica do conhecimento e o ato próprio da epistemologia não abriram mão, em nenhum momento, de um entendimento básico desde os gregos: **conhecer é um apropriar-se**, um lançar luz que ilumina e permite, assim, melhor entender.

Nesta tradição, que é a história do Ocidente, conhecer mais nos leva a viver melhor e a estar mais próximo da verdade. Esta verdade, mesmo admitindo-se a sua falibilidade ou incompletude, não deixava de ser o horizonte por onde autores como Yi-Fu Tuan, Anne Buttiner, Edward Relph, entre outros, se movimentaram. Assim o eram também os demais, como nós no Brasil. Trata-se de uma renovação da ciência, mantendo-se algo fundamental dela: o entendimento de

que mais é melhor, como expressão do progresso, tão característico da Modernidade (ADORNO; HORKHEIMER, 1985).

Vejo isso claramente nas minhas primeiras incursões em torno da experiência urbana e do imaginário da cidade: a novidade da escala da experiência é compreendida e justificada no sentido de dar maior amplitude e completude ao fenômeno cidade. Mesmo aceitando que há tantas cidades quanto as experiências de seus habitantes, estava no nosso horizonte um conhecer melhor, uma ânsia por uma maior eficiência da abordagem na compreensão do fenômeno.

É possível observar esta postura desde meus trabalhos sobre Londrina ou o bairro da Ponte Preta (MARANDOLA JR., 2007; 2008a), chegando à minha tese de doutorado sobre a Região Metropolitana de Campinas (MARANDOLA JR., 2008b; 2008c; 2014), bem como nas minhas primeiras orientações (DE PAULA, F., 2011; DE PAULA, L., 2011; DAL GALLO, 2011; ROSAS, 2011).

Estes trabalhos, dedicados a construir uma metodologia geográfica fenomenológica, enfocavam a manifestação do lugar a partir de um profundo envolvimento do pesquisador que deveria, ele mesmo, ter sua experiência para poder, hermeneuticamente, compreender a manifestação fenomenológica do lugar na experiência. Esta poderia ser de *insiders* ("de dentro") ou *outsiders* ("de fora"), levando-se em consideração esta variação eidética (diversidade de possibilidades que permitiam a manifestação do fenômeno), de situações sociais ou pessoais, expressas nas territorialidades, nas experiências compartilhadas e sobretudo nos sentidos desvelados em narrativas dialogadas provocadas pelo pesquisador no lugar.

Há claramente elementos de intersubjetividade, via arqueologia fenomenológica (elementos oriundos da fenomenologia husserliana), e de um pesquisador como ser-no-mundo: na imersão do ser-com e do ser-em (elementos inspirados em Heidegger).

O entendimento era de que se a cidade é uma abstração, ou seja, uma representação, a forma de ter acesso a ela fenomenologicamente seria a partir das existências concretas, dos seres-no-mundo, dos próprios existentes. As trajetórias pessoais (história e espaços de vida) permitiriam, metodologicamente, a manifestação da cidade em sua multiplicidade. O sentido da cidade poderia assim, a partir destas experiências existencialmente significadas ser hermeneuticamente compreendido.

O resultado não seria uma imagem da cidade, ou um sentido: mas um itinerário para compreendê-la a partir desta manifestação. A ideia de espaços de vida se tornou muito importante, assim como a discussão sobre mobilidade, pois estava claro para mim que os sentidos construídos geograficamente estavam ligados à experiência, a qual, por sua vez, estava ligada aos espaços, lugares e territórios vividos cotidianamente. A compreensão de que a cidade é uma abstração está articulada à fragmentação do tecido social e urbano, o qual nos limita, contemporaneamente, a espaços de vida claramente delimitados, sobretudo em médias e grandes cidades, tornando a experiência da cidade, em grande medida, a experiência dos nossos lugares e territórios (MARANDOLA JR., 2014).

Fernanda de Paula seguiu este caminho ao estudar bairros em Campinas, tendo como tema de pesquisa alternadamente riscos, vulnerabilidade, identidade e territorialidade nestes bairros (DE PAULA; MARANDOLA JR.; HOGAN, 2007; 2010; 2011). Os temas apareciam a partir da própria experiência, a qual tinha, sem dúvida, a participação crucial da pesquisadora que, ao abrir-se para o lugar, permitia tal manifestação. É sob esta luz que ela também realizou sua dissertação de mestrado, defendida em 2010, sobre o habitar e os reassentamentos em Cubatão (DE PAULA, 2010).

Esta metodologia foi utilizada também por outros orientandos, que realizaram pesquisas de iniciação científica e trabalhos de conclusão

Na fissura do presente
Eduardo Marandola Jr.

de curso sobre vários temas, como imagem da cidade, mobilidade urbana, forma urbana, dispersão e mobilidade, planejamento urbano, cartografia, políticas de adaptação, paisagens da mobilidade, paisagem sonora, espaços de vida, vulnerabilidade, riscos e perigos, condição migrante, vulnerabilidade do lugar, entre outros. Talvez a dissertação de Luiz Tiago De Paula tenha, de certa forma, consolidado estes esforços, com destaque ao esmero da construção metodológica e da problematização dos limites e potencialidades daquela forma de conduzir uma pesquisa fenomenológica em campo (DE PAULA, 2016).

De uma forma geral, esta construção metodológica de estudo da experiência geográfica envolvia partir da experiência, em contextos espaciais e sociais delimitados, realizando um esforço hermenêutico a partir de situações. O acontecer fenomênico esteve presente nesta insistência de o próprio pesquisador abrir-se para o mundo, expondo-se corporalmente, em suas fragilidades e falibilidade, permitindo tanto a afetação quanto o estranhamento e a empatia. A ação da pesquisa era, ela própria, a possibilidade da abertura para o desvelar, a criação de uma circunstancialidade de trocas de experiências.

A experiência é, assim, compreendida como escala epistemológica, partindo-se da manifestação fenomênica no ser-no-mundo (MARANDOLA JR., 2016c). A articulação com discussões conceituais ou de natureza estrutural sempre estiveram mediadas por esta escala, sem ser ignoradas, mas nunca atuando de forma estruturante da investigação. A experiência seria a base para qualquer transcendência.

No entanto, devo reconhecer que nem todos estes elementos estavam claros ao longo do caminho. Muitos deles foram intuições e alguns foram sendo ajustados aos poucos, contendo equívocos inerentes a um processo que vai sendo construído enquanto se caminha.

Nesta exposição sucinta fica claro que, embora haja o deslocamento epistemológico para a experiência – para o vivido – e se assuma uma

outra ontologia, fundada na relação habitar-lugar – como expressão de modos de ser-e-estar-no-mundo – a postura se assume como uma luz: deseja melhor compreender, com uma vocação claramente epistemológica. Mesmo reconhecendo a limitação e incompletude do saber, ou a fugacidade e a dinâmica da experiência, há os resquícios de uma luz que ameaça tornar-se (e muitas vezes assim foi lida) como algo que se pretende resoluto.

Esses trabalhos estão marcados por aquilo que eu poderia chamar de um movimento de aproximação com a fenomenologia, sobretudo de Husserl e de Heidegger, cuja centralidade no sentido do habitar enquanto manifestação do *Dasein* e de suas consequências ontológicas estavam começando a se delinear. Havia uma influência epistemológica e ontológica que não estava desdobrada até os fundamentos da Geografia. Neste sentido, apesar do mergulho em campo e de uma disposição na radicalização da experiência fenomenológica, havia muito daquilo que os geógrafos anglo-saxões haviam realizado nos anos 1960-1980, quando evitaram uma apropriação mais robusta da Fenomenologia diante dos obstáculos para uma apreensão radical para a Geografia (HOLZER, 2016).

No entanto, a radicalização da atitude fenomenológica enquanto experiência geográfica foi decisiva para a compreensão de que era necessário, para ir além das limitações do epistemológico e do ontológico, e para evitar as próprias armadilhas do empiricismo, enfrentar a questão da linguagem. Afinal, como fraturar e deslocar o pensamento se não houver silêncio, mistério ou possibilidade de criação?

O tema da linguagem, na forma como aparece no pensamento pós-*viragem* heideggeriana (a partir dos anos 1940), na abertura para o poético e em sua relação com a obra de arte, a verdade e o Embate Terra-Mundo foram as portas que, via habitar, se apresentaram

inicialmente para nós. Este poético, como criação, apresenta-se como fundamental para o processo do nomear (que acabou se tornando o nome do grupo de pesquisa na Unicamp), como ação de deixar-se mostrar do fenômeno, pela doação de um sentido.

Este momento do pensamento de Heidegger é especialmente de intrigante para os geógrafos e outros preocupados com o espaço, pois a partir do poético e da preocupação com a linguagem, a espacialidade e o lugar recebem um tratamento pós-metafísico, na forma de sua topologia (como modo de ser), permitindo que aquela ênase na temporalidade (característica do período em torno de “Ser e tempo”) permita que muitos atribuam e reconheçam em Heidegger um pensador também do espaço (HEIDEGGER, 2001; 2008; 2012b; NUNES, 1986; MALPAS, 2008).

Heidegger (2008) volta-se para a linguagem e chega a afirmar que o ser habita a linguagem, debruçando-se em Hördelin (um companheiro de longa data, é verdade), o grande poeta germânico, dedicando-se à necessidade da linguagem para a manifestação do Ser e, portanto, da própria fenomenologia.

A força deste poético, é verdade, já estava entre nós, principalmente pelo trabalho e pela inspiração de Gratão (2002; 2007), que desde antes de sua tese de doutorado, respirava a poética bachelardiana, dando vazão à sua fenomenologia da imaginação.

Esta poética, entendida como *poiésis*, é criação. Ato criador imaginante, no caso de Bachelard, um acontecer fenomenológico que cria a imagem (e seu sentido), em um sentido anti-representacional muito expresso (BACHELARD, 1993; 2009). No caso de Heidegger, o poético é a própria manifestação de sentido: o estar diante da verdade, como abertura (HEIDEGGER, 2012b).

Ali podemos dizer que adentramos ao noturno, no sentido bachelardiano do termo: abertura para devaneio, para o sonho,

para a força imaginante que é psíquica, mas é também elemental (BACHELARD, 2009). Parecia necessário radicalizar nosso enfrentamento epistemológico e ontológico, abrindo mão da limitação moderna de limitar-se a elucidar, permitindo-se também devanear. Era importante manter o mistério que é a vida, não apenas humana (talvez nosso foco absoluto até então), mas também o mistério que é nossa condição terrestre.

Neste sentido, três acontecimentos são fundamentais:

- A leitura de “A origem da obra de arte”, de Heidegger (2012b), permite desdobramentos nesta busca noturna. Seu embate Terra-mundo e sua compreensão de arte como aquilo que é posto em vigor, e a maneira como ele concebe a própria obra como uma ação (o obrar) poético, nos deu um impulso muito importante no sentido de tomar o caminho da poética;
- A leitura da obra de Michel Serres, que propõe um enfrentamento da linguagem por meio de um filosofar que não diferencia Arte, Filosofia ou narrativas (SERRES, 2001; 2005);
- O contato com o pensamento ambiental latinoamericano, sobretudo o grupo de Manizales que, a partir de Ana Patricia Noguera, propõe uma perspectiva estético-política que é prehe de geopoética (NOGUERA, 2004; 2012; NOGUERA; MUÑOZ, 2014).

Priscila Dal Gallo, Diana Bernal e Carlos Galvão Filho, que defenderam suas dissertações de mestrado em 2015 e 2016, tomaram este desafio para si, buscando uma outra linguagem, sem comprometer-se com a tarefa do esclarecimento. Assumindo o sentido de meditação (o pensar) e o enfrentamento da linguagem como uma tarefa fundamental para a realização da própria Fenomenologia, seus

trabalhos flertam com a arte (sobretudo a literatura), a experiência e a sensibilidade em um sentido poético.

Dal Gallo (2015) o fez perguntando-se sobre a ontologia geográfica manifesta em *"Out of Africa"*, livro da dinamarquesa Karen Blinxen. Bernal (2015) o fez em uma releitura daquela metodologia de trabalho de investigação do lugar a partir da experiência, compondo um trabalho voltado para o habitar poético. Já Galvão Filho (2019) o fez por um amálgama narrativo no qual suas experiências, diálogos literários, geográficos ou filosóficos constituíssem um movimento degenerescente e criador de sentidos para o viajar enquanto geosofia e geograficidade.

Estes movimentos, que me levaram até a livre docência, permitiram um outro lugar da literatura em meu trabalho que, apesar de sempre presente, agora não se confunde com objeto de estudo ou com um fenômeno de interesse, mas intertextualidade que desvela e cria sentidos, mundos e deslocamentos.

Este movimento foi reforçado pela leitura de Ricoeur (2012) sobre a narratividade e a narração, permitindo uma aproximação entre literatura, ciência, filosofia, história e arte, para além de seus estatutos epistemológicos, encarando-os como ato fundante de narrar, os quais se colocavam no mesmo âmbito de articulação com as próprias narrativas dos existentes em seus lugares.

O noturno, aqui, é justamente não encarar a estética, a arte ou a imaginação como elementos à parte, de outra categoria epistemológica: o amálgama é, como aponta Serres (2001), **misturado**, pois tudo se constituiu como sentido, inclusive em sua interrupção, o sem sentido. É com esta criação (não apenas compreensão) de sentidos que nos colocamos como seres-no-mundo.

Estes movimentos do pensamento não constituem uma sucessão, nem uma crescente. Há um adensamento, um movimento de

contínua crítica sobre cada passo, cada encontro, cada abertura. E é neste sentido que um **segundo noturno** nos aconteceu: aquele das margens, do negativo, do restolho, que nos permitiria pensar uma **hermenêutica do estranho**.

Este outro noturno seria o diálogo com a filosofia da diferença, a desconstrução e outras formas de pensamento (inclusive fenomenológicas) que apostam na imanência. Este outro noturno é como um olhar em negativo, para o desfocado, aquilo que é caos, escuridão difusa que não se ilumina: é o errante, o extemporâneo, o nômade que, não por acaso, está tão presente em pensadores vitalistas, que compreendem a vida como este duplo luz-escuridão, corpo-mente, carne-espírito, sem tentar purificar lado a lado (HARA, 2017).

Silveira (2018), com sua dissertação arruinada, é um dos primeiros trabalhos realizados neste sentido. A tese de David Davim, resgatando Nietzsche e seu pensamento trágico e imanente é outro exemplo (DAVIM, 2019), assim como outros trabalhos em elaboração, os quais retomarei adiante. Juliana Dias apontou esta dimensão em outra chave: no âmbito do inconsciente, em uma esteira mais explícita de ligação com a tradição humanista, mas sob a égide da psicanálise (DIAS, 2019).

De minha parte, a hermenêutica do estranho tem me ocupado no contexto da pesquisa interdisciplinar (MARANDOLA JR., 2017a), assim como um interesse pela finitude, talvez nosso grande negativo que se converte no indizível em uma noite profunda (MARANDOLA JR., 2017b; 2018a). A dissertação de Moreira Neto (2018) mergulhou neste mistério, se perguntado sobre o sentido geográfico na enunciação da morte. A dissertação de Stephanie Maldonado, em finalização, aponta para outra faceta deste mistério: o macabro expresso como arte no manuseio de corpos humanos na confecção de obras de arte, repercutindo a dialética da carnalidade de Merleau-Ponty.

Na fissura do presente
Eduardo Marandola Jr.

Morte como vida, a vida como finitude: dimensões que se entrelaçam e que, pela própria preocupação existencial com a condição humana, alimentou outros trabalhos no grupo, remetendo ao nascimento e finitude. Nara Almeida dedicou-se especialmente a este tema existenciário, na senda de Heidegger, perguntando-se sobre as relações entre vida e conhecimento a propósito do esforço interdisciplinar contemporâneo (ALMEIDA, 2019), enquanto Marcela Paiva foi tomada pelo novo que emerge com o nascimento, motivada pelas considerações provocadoras de Arendt sobre a educação como a situação de “ainda não” e “não é mais” (a fissura do presente), a propósito da reflexão sobre a autonomia (PAIVA, 2020).

É o mesmo noturno que preza a mistura e lhe dá relevo, buscando uma aliança profunda com a terra, como o propõe Nietzsche: o retorno à Terra, talvez a grande excluída pelas luzes da razão, deixada à sombra, desprezada (DAVIM, 2019).

Esta luz e os dois noturnos não são excludentes, nem constituem um caminho evolutivo, tanto que pesquisas como a de Rafael Ferreira sobre o mundo-da-vida em Husserl e sua pertinência às políticas ambientais permanecem sendo importantes para o grupo (FERREIRA, 2016a). Trata-se, portanto, de desdobramentos, variações do mesmo que se combinam e recombina não como um caminho, pré-dado, mas como horizonte de possíveis.

SER-EM-SITUAÇÃO: A BUSCA DE UM PENSAMENTO ATERRADO

São duas as encruzilhadas que nós, enquanto cientistas (e não filósofos), nos colocamos quando procuramos pensar nossa ciência pela Fenomenologia, como expressões dos dilemas referentes à epistemologia e à ontologia: o estatuto do conhecimento e a relação entre ser (essência) e aparência (manifestação).

Em ambos os casos, há inumeráveis debates e posicionamentos sucessivos na história da Filosofia. Estes podem ser bem compreendidos, de uma forma um tanto esquemática, como duas forças em embate: a busca de um conhecimento verdadeiro pela transcendência – que desemboca na metafísica, e outra que reclama para si um sentido carnal-corpóreo, terrestre, que reforça o caminho da afetação e da própria Terra.

Os primeiros poderíamos alinhar à transcendência e os segundos à imanência. Na primeira linha, estamos na tradição de Kant e de Husserl, com Lévinas e Derrida mais contemporaneamente. Na segunda estamos no caminho de Espinosa e Nietzsche, com Foucault e Deleuze como desdobramentos mais contemporâneos. Heidegger pode ser compreendido entre as duas linhas, fazendo inclusive a ligação entre a tradição e os contemporâneos (AGAMBEN, 2015b).

À primeira vista, a Geografia Humanista teria se constituído na articulação destas duas tradições, no entanto, esta ambivalência sempre pendeu para a transcendência de fundo epistemológico. A ênfase na percepção, a centralidade em um sujeito da experiência, a recorrência aos valores humanos, mesmo na lida com o ambiente. Dardel (2011) certamente seria, dentre as primeiras referências, uma exceção, cuja geograficidade seria, de uma forma mais radical, uma transcendência-imanente, dando protagonismo à Terra não apenas como solo ou base, a partir de Lévinas (LIMA, 2018), mas também como abertura e embate, a partir de Heidegger (DAL GALLO; MARANDOLA JR., 2015), e como forças em luta, a partir de Nietzsche (DAVID, 2015; 2019). Estas múltiplas influências na geografia de Dardel contribuem para uma posição distinta dos geógrafos que contribuíram para o movimento da Geografia Humanista em seu início: como C. Sauer, J. Wright ou mesmo Tuan, Lowenthal, Relph e Buttimer (HOLZER, 2016): nenhum deles tinha, salvo Dardel, a questão da Terra, em sua imanência, na compreensão do geográfico. Esta força terrestre, imanente, se deve

a estas múltiplas influências filosóficas que alimentaram a geografia dardeliana.

Esta direção para a qual aponta Dardel coaduna e reverbera em movimentos contemporâneos do pensamento, cuja força da imanência e de um pensamento aterrado se fazem proeminentes. Se é bem conhecida as reverberações em torno da geofilosofia de Deleuze e Guatarri (2008), muito devedora a Nietzsche, Davim (2019) mostra como esta reverberação está presente, potencialmente, no conjunto da Geografia.

No âmbito dos estudos fenomenológicos, Heidegger certamente é uma das fontes para tal pendência à imanência. Mas não é o único. Além de Nietzsche, um pensamento geofilosófico ganha força por meio de outro conceito igualmente presente no pensamento contemporâneo, de um lado, com fortes vínculos na tradição fenomenológica: a **situação**. Assim, a situação se apresenta, neste momento, como possibilidade de um pender à **imanência**.

O que me faz ter esta tendência, neste momento? O reconhecimento, que veio se constituindo ao longo deste tempo, da centralidade da questão da **situação** não apenas para a Geografia, mas para o potencial diálogo no contexto das ciências humanas e sociais, enquanto uma das questões centrais do nosso tempo.

Não vou recorrer a Heidegger, nem a Nietzsche, nem a Husserl, nem a Sartre nem à Merleau-Ponty que, cada qual à sua maneira, fazem a defesa da necessidade de um saber situado. Vou retomar aqui, brevemente, **Simone de Beauvoir**.

A escolha, é evidente, não é por acaso. Em sua grande obra, "O segundo sexo", podemos dizer que o grande esforço da filósofa era combater a posição, o *topos* a partir do qual todo o conhecimento (e a Filosofia) eram enunciados (BEAUVOIR, 2009). Afirma ela que o

homem, quando fala, não precisa anunciar que se trata de uma posição relativa, a de ser homem, o que o faz (e se exige que o faça), quando o ponto de vista é o de uma mulher. A situação do homem é não apenas a positiva, no sentido de mais verdadeira e mais relevante, como é também a posição neutra, o que torna a mulher este segundo, o outro cujo lugar próprio não é reconhecido.

Para Beauvoir (2009), o homem não é visto como ser-em-situação, pois sua condição é dada como supra-situacional, o mesmo ocorrendo com a mulher que, no entanto, é tomada como inessencial. É por isso que "O segundo sexo", e parte do pensamento feminista, coloca-se a tarefa de mostrar a condição situacional do próprio pensamento.

Há aí uma quebra radical com a tradição metafísica que busca um *topos* neutro de pensamento, negando a corporeidade e a condição terrestre, o que implica dizer negar nossa finitude e capacidade de experiência.

Beauvoir não tende à imanência, como considero importante atualmente, mas ela abre, de uma maneira historicamente importante, a possibilidade de constituição de uma situacionalidade radical do conhecimento. No contexto do pensamento feminista, por exemplo, os saberes localizados (HARAWAY, 1995) tornaram-se fundamentais na crítica à tradição metafísica masculina e ao privilégio da perspectiva parcial que, não por acaso, constituiu-se também como desprezo à Terra.

Além disso, aproveitar a abertura por Beauvoir ao ser-em-situação, no decurso de seu pensamento, nos oferece outras oportunidades de articulação: homens e mulheres são papéis sociais, tal como estabelecido nos debates contemporâneos. Não expressam, eles, nossa condição terrestre? Em vez de elementos biológicos, tal como buscados por Beauvoir (e atualmente frequentemente criticados), não

Na fissura do presente
Eduardo Marandola Jr.

seriam também expressões de uma imanência, ou de uma imanência-transcendência, como possibilidades de ser-terra?

A abertura radical operada por Beauvoir no debate sobre a situacionalidade do conhecimento e da própria existência constituiu um verdadeiro abalo nos estudos que conduzi sobre experiências de lugar. Se é verdade que podemos identificar neles a preocupação em compreender a partir de onde e sob quais condições se experiencia a cidade como um conhecimento circunstancial, que não se volta para a universalidade, é igualmente verdadeiro que eles estão pautados em uma ideia de ser humano estabilizada, fechada, que é permeável apenas até certo ponto à variabilidade dos modos de ser ou à própria diversidade dos seres-em-situação. Além disso, não há qualquer abertura para a imanência: esta está controlada em processos epistemológicos de transcendência.

Para romper com isso, não apenas uma radicalização da situacionalidade, como também a abertura para o sentido carnal-corpóreo que fratura a epistemologia e a ontologia são necessárias para que a condição situacional possa emergir. Para uma geografia encarnada, por exemplo, tal como o fez De Paula (2017) em sua tese de doutorado, é necessário reconsiderar o sentido de reversibilidade e de dobra corpo-mundo e sua condição terrestre. De Paula realiza esta operação a partir de Merleau-Ponty, sobretudo em sua fase tardia, na qual também podemos notar uma pendência para a imanência.

A ligação entre situação corpórea, tal como defende Beauvoir, com a experiência, para desembocar na questão do ser-em-situação, precisa daquele componente anterior, a Terra, que se reveste de uma imanência lancinante.

Estatendência ao noturno a partir da imanência terrestre, no entanto, não implica o desprezo pela transcendência. Me parece importante

a articulação Terra-Mundo como uma mesma situacionalidade, não dicotômica, muito menos a reinvenção da histórica relação natureza-cultura. Não são duas situações (terra e mundo, imanência e transcendência), na expressão de uma ontologia da alteridade e da multiplicidade, ser que é verbo, criação e vida: **carnalidade**.

G. Agamben é um autor promissor nesta discussão, cujo pensamento político constituiu um pensamento vitalista potente, assim como F. Fanon e E. Lévinas, que estão nas origens destes movimentos contemporâneos. As várias vertentes do pensamento latino-americano, desde E. Dussel, passando por A. Noguera, E. Leff, R. Kusch e tantos outros, do pensamento descolonial, contra colonial, da filosofia africana e da virada ontológica na antropologia. Estes, assim como o pensamento feminista, defendem a situacionalidade do pensamento eurocêntrico e colonial para marcar sua especificidade, derivando daí a importância de um pensamento situado, terreno, em sua multiplicidade.

Estas perspectivas têm alimentado as teses e dissertações atualmente em desenvolvimento no âmbito do NOMEAR, promovendo diferentes articulações nas quais a Fenomenologia aparece de maneira amalgamada a outras tendências do pensamento contemporâneo. Elisabete Silva, por exemplo, está investigando a produção ritualística de tambores na América Latina no encontro entre filosofia africana com o pensamento ambiental latino-americano e a fenomenologia (SILVA, 2019a; 2019b); Thiago Gonçalves está debruçado sobre as reverberações da cisão ontológica ser humano-natureza manifesta na crise hídrica em uma chave cosmopolítica; Diana Bernal traz as territorialidades das águas na Colômbia, em uma abordagem hidropoética e hidropolítica, no contexto do giro espacial e ambiental que faz colidir pensamento ambiental latino-americano e fenomenologia; Fernanda Viana trabalha na perspectiva do feminismo existencial de Beauvoir para investigar a mobilidade de mulheres nas cidades latino-americanas; Tiago Rodrigues, a partir de Sartre e Butler,

Na fissura do presente
Eduardo Marandola Jr.

busca o sentido de liberdade em situações de festa para homens homossexuais.

A situação, portanto, parece ser um potencial articulador entre **alteridade** e o **ser para si**, reconhecendo à imanência e ao circunstancial, permitindo ainda diferentes formas de transcendência. Permite, de outro lado, potencializar os diálogos entre tendências do pensamento contemporâneo, como este painel de temas e preocupações recentes parecem indicar.

Estas aberturas me levaram, no contexto deste movimento autocrítico, a revisitar algumas questões basilares no contexto da Modernidade à luz destas preocupações, o que tem ajudado a recolocar problemas que, por vezes, já estavam estabilizados no contexto de nosso fazer. Algumas delas, como a experiência e a questão do sujeito, parecem necessitar, no contexto dos estudos humanistas e culturais de orientação fenomenológica, um esforço renovado para contornar a recorrência ao sujeito autoconsciente e ao espaço extensivo para fissurar o afã moderno do conhecimento: sempre mais e melhor (MARANDOLA JR., 2020a; 2020b).

Isso afeta mais a Geografia do que às vezes nos damos conta. A Geografia, pensada em seu fundamento terrestre e circunstancial-corpóreo, está no centro de todo este movimento epistêmico e político, inclusive nos movimentos de enfrentamento da colonialidade (CRUZ, 2017; MARANDOLA JR., 2018b; LIMA, 2019). Podemos não apenas repensar o fundamento dado à Geografia Moderna, como mais importante, fazer este pensamento geográfico participar de forma mais ativa dos debates contemporâneos.

FENOMENOLOGIA NÃO É APENAS UMA CASA, MAS UM JEITO DE CAMINHAR

Este texto, como uma narrativa situada, busca reconstituir nexos em ausências, e por isso deve ter falhado em deixar hiatos suficientes para

outras narrativas que foram tecidas em conjunto. Ele busca reconhecer o esforço que geógrafos e geógrafas realizaram para apropriar-se e serem apropriados por um pensamento fenomenológico, retomando a tradição da Geografia Humanista e projetando-a no conjunto dos esforços contemporâneos de renovação da Geografia. Sabemos das dificuldades de, ao mesmo tempo, mergulhar nestes universos filosóficos e responder às questões concretas urgentes e imediatas inerentes à nossa atuação social e acadêmica. De outro lado, o artigo deseja apresentar um sentido heurístico, abrindo, por um exercício hermenêutico, possibilidades futuras.

Neste sentido, o aparente sucesso desta empreitada, manifesto pelo que as geografias humanistas e culturais no Brasil expressam atualmente, reapresenta o risco de Fausto: nos limitarmos a esta casa laboriosamente construída para nossa morada, sem arriscarmos muitos passeios ou mesmo períodos fora dela. Eis o desenho de uma estrutura faustiana. Considero que, neste sentido, Heidegger fez uma apropriação muito interessante da Fenomenologia: como atitude e, sobretudo, como caminho. Lévinas (2000) também o fez, à sua maneira, mantendo-se apegado à maneira de filosofar, não aos resultados ou às substâncias resultantes deste pensar, em uma radicalização da própria Fenomenologia.

Assim, a experiência, a vivência, a alteridade, o compromisso com o mundo e sua facticidade são cruciais nesta forma de caminhar. Não é à toa que Ricoeur (2009) reconhece nos existencialistas franceses aqueles que expressam o legado de Husserl com propriedade. O mesmo podemos dizer de muitos pensadores latino-americanos que, mesmo colocando-se na contramão dos filósofos europeus, trilharam este caminho como forma de abrir-se para o mundo e para o pensamento, e não como um sistema programático de produtos.

É notável o que Rodolfo Kusch fez com a analítica existencial heideggeriana, chegando a um lugar completamente distinto do

Na fissura do presente
Eduardo Marandola Jr.

alemão (o mero estar latino-americano em contraposição ao ser) (KUSCH, 1976; 2000), assim como a responsabilidade e a libertação em Enrique Dussel, um católico marxista que desdobrou o pensamento de Lévinas (DUSSEL, 2011; 2015). Ana Patricia Noguera, há pelo menos duas décadas, tem sido uma referência nestas articulações, tendo como marca a busca de um pensamento aterrado em geografias-sul (NOGUERA, 2004; 2012). Por fim, Enrique Leff, autor já muito conhecido no Brasil, recentemente dedicou-se a sistematizar e a aprofundar a influência da Fenomenologia em seu trabalho, em uma obra de fôlego que abre outros caminhos nesta interlocução: *"El fuego de la vida: Heidegger ante la cuestión ambiental"* (LEFF, 2018).

Estes exemplos dão força não apenas à necessidade, mas à possibilidade de um pensamento situado, de um aterramento de nosso esforço que sente e responde à responsabilidade para com a Terra. Para quem está nas fileiras da ciência, como a Geografia, o movimento por um pensamento situado e aterrado parece responder bem às demandas contemporâneas e aos nossos grandes dilemas.

No caso dos esforços do GHUM e das geografias humanistas e culturais no Brasil, de uma forma geral, talvez este seja um desafio que não foi enfrentado diretamente. Se é verdade que podemos identificar facilmente a construção de perspectivas próprias a partir das geografias vividas, não há a mesma força na construção de uma perspectiva política de situar o pensamento. Modelos universais de homem, classe ou até geografia são facilmente reconhecíveis em nossos trabalhos, algo que o traço humanista, em seu universalismo, flerta facilmente. Neste âmbito, o acento no sentido terreno-corpóreo destas geografias pode potencializar a construção de uma fenomenologia situada, cuja força esteja na experiência geográfica, que emana das geografias e repercute, como doação, no pensar e no ser geográfico.

Mas, para isso, precisamos não nos limitar a esta casa, tão bem construída, respondendo ao chamado que nos convoca a nos

aventurarmos, lá fora, onde encontraremos outras fênix, alguns faustos e muitos narcisos. Se por alguns anos o esforço de apropriação nos ocupou, e considero que foi necessário embora tenha nos trazido consigo problemas e armadilhas, sinto que neste momento precisamos nos colocar em movimento, deslocando-nos para enfrentar os riscos de Narciso e de Fausto. A questão não é manter a relevância, nem consolidá-la: mas manter-se próximo deste fogo múltiplo e vivo que é o geográfico (SILVA, 2020).

Habitar a fissura do presente parece demandar compreender a narrativa deste texto com menos nexos e mais rupturas, saltos e derivações. Deslocamentos e articulações, desvios e retomadas. Não se trata de uma projeção segura diante de um passado bem pisado, mas de aceitar a fissura do presente, habitá-la e albergar o estado de ambiguidade e simultaneidade: a condição de "não mais" e ao mesmo tempo de "ainda não" (ARENDRT, 2013).

Talvez por isso que tenho dúvida sobre a necessidade da construção minuciosa e bem-acabada de uma Geografia fenomenológica. Para alguns ela já existe, para outros, carece de fundamentos. Penso que haverá pessoas dispostas a fazerem tal construção, afinal, também há necessidade de abrigo para acolher anseios, volições e existentes, como os grupos de pesquisa e o próprio campo das geografias humanistas e clutruais que se constituíram no Brasil nos últimos anos mostram. No entanto, ao mesmo tempo que é edificada e mantida esta casa, sinto a necessidade de uma fenomenologia geográfica: o geográfico que contribui para multiplicação de possibilidades de modos de ser e de um pensamento situado, voltado para a terra que dela emane. Esta é uma geografia com "g" minúsculo, ou seja, é aquela que se volta para a fenomenalidade do geográfico, como existência e como prática, tanto política como ética. Trata-se de uma compreensão do geográfico como amálgama (mistura), tanto do existente quanto da existência, nos entremeios dos existentes.

Esta fenomenologia geográfica, como movimento, se coloca no âmbito interdisciplinar (Ciência-Filosofia-Arte), como prática (MARANDOLA JR., 2020c), e neste caminho espero encontrar ou ajudar a construir mais pontes, mais interfaces, mais aproximações. Ela não está, no entanto, livre de riscos, tanto de reincidir em estruturas faustianas, como a epígrafe de Ricoeur sobre a Fenomenologia nos lembra.

Por isso precisamos, uma vez mais, lembrar do sentido da angústia heideggeriana e sair de casa. ☺

AGRADECIMENTOS

Este artigo expressa um trabalho coletivo, um com-viver e um compartilhamento. Por isso devo agradecer aos meus orientandos, com quem partilho angústias, projeções e ideias. Espero ter feito juz a vocês na forma como nossos pensamentos e existências se misturam. Agradeço também aos colegas do GHUM e do NOMEAR, que também se fazem presentes nestas páginas.

REFERÊNCIAS

ADORNO, Theodor; HORHEIMER, Max. **Dialética do esclarecimento**: fragmentos filosóficos. Trad. Guido A. de Almeida. Rio de Janeiro: Zahar, 1985.

AGAMBEN, Giorgio. O que é o contemporâneo? In: AGAMBEN, Giorgio. **Nudez**. Trad. David Pessoa. Belo Horizonte: Autêntica, 2015a. p. 19-33.

AGAMBEN, Giorgio. A imanência absoluta. In: AGAMBEN, Giorgio. **A potência do pensamento**: ensaios e conferências. Trad. António Guerreiro. Belo Horizonte: Autêntica, 2015b. p. 331-357.

ALMEIDA, Nara C. Da religação interdisciplinar à religação ontológica: percursos de uma tentativa de reaproximação entre conhecimento e vida. 2019. **Dissertação** (Mestrado Interdisciplinar em Ciências Humanas e Sociais Aplicadas) – Faculdade de Ciências Aplicadas, Universidade Estadual de Campinas, Limeira.

ARENDT, Hannah. **Entre o passado e o futuro**. 7 ed. Trad. Mauro W. Barbosa. São Paulo: Perspectiva, 2013.

BADIOU, Alain. **A aventura da filosofia francesa no século XX**. Trad. Antônio Teixeira; Gilson Iannini. Belo Horizonte: Autêntica, 2015.

BEAUVOIR, Simone. **O segundo sexo**. Trad. Sérgio Milliet. 2ed. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2009.

BUTTNER, Anne. Geography, Humanism, and Global Concern. **Annals of the Association of American Geographers**, v. 80, n. 1, p.1-33, 1990.

BUTTNER, Anne. Fénix, Fausto, Narciso: esperanzas y riesgos del humanismo en Geografía. In: GARCÍA BALLESTEROS, Aurora (ed.). **Geografía y Humanismo**. Barcelona: Oikos-Tau, p. 19-55, 1992.

BACHELARD, Gaston. **A poética do espaço**. Trad. Antonio de Pádua Danesi. São Paulo: Martins Fontes, 1993.

BACHELARD, Gaston. **A poética do devaneio**. Trad. Antonio de Pádua Danesi. 3ª ed. São Paulo: Martins Fontes, 2009.

BERNAL, Diana A. A rosa do deserto: hidropoéticas do lugar no habitar urbano contemporâneo. 2015. **Dissertação** (Mestrado em Geografia) - Universidade Estadual de Campinas, Campinas.

BERNARDES, Antonio. O Dasein que somos no pesquisar em Geografia. **Geograficidade**, v. 6, n. 2, p.30-49, 2016.

BRANDÃO, Gabriela Gazola. Investigações sobre a experiência em ecologia profunda. **Revista do NUFEN**, v. 9, p. 75-90, 2017.

CRUZ, Valter C. Geografia e pensamento descolonial: notas sobre um diálogo necessário para a renovação do pensamento crítico. In: CRUZ,

Na fissura do presente
Eduardo Marandola Jr.

Valter C.; OLIVEIRA, Denilson A. (Org.) **Geografia e giro descolonial: experiências, ideias e horizontes de renovação do pensamento crítico.** Rio de Janeiro: Letra Capital, 2017. p. 15-36.

DAL GALLO, Priscila M. Territórios migrantes e rotinas espaço-temporais em Holambra (SP). **Textos NEPO**, n.62, p. 147-173, 2011.

DAL GALLO, Priscila M. A influência do pensamento oriental na Geografia de Augustin Berque: a filosofia de Watsuji Tetsuro. **Geograficidade**, v. 4, p. 32-47, 2014.

DAL GALLO, Priscila M. A geografia humanista no Japão. **Geografia**, v. 40, p. 177-192, 2015.

DAL GALLO, Priscila M. A ontologia da geografia à luz da obra de arte: o embate Terra-mundo em *Out of Africa*. 2015. **Dissertação** (Mestrado em Geografia) - Universidade Estadual de Campinas, Campinas.

DAL GALLO, Priscila M.; MARANDOLA JR., Eduardo. O pensamento heideggeriano na obra de Éric Dardel: a construção de uma ontologia da Geografia como ciência existencial. **Revista da ANPEGE**, v. 11, p. 173-200, 2015.

DARDEL, Eric. **O homem e a terra: natureza da realidade geográfica.** Trad. Werther Holzer. São Paulo: Perspectiva, 2011.

DAVID, David E. M. As Forças em Luta: Segredos entre Nietzsche, Bachelard e Dardel sobre as vontades da Terra. In: **XI Encontro Nacional da ANPEGE**, 2015, Presidente Prudente - SP. Dourados-MS: UFGD Editora, 2015. p. 5329-5340.

DAVID, David E. M. Cordilheiras do caminho: humanismo nietzschiano e geografia fenomenológica. **Revista do NUFEN**, v. 9, p. 42-62, 2017.

DAVIM, David E. M. Retorno à vontade da Terra: Nietzsche como devir fundamental para uma geofilosofia. 2019. **Tese** (Doutorado em Geografia) – Instituto de Geociências, Universidade Estadual de Campinas, Campinas.

DE PAULA, Fernanda C. Constituições do habitar: reassentamento do Jd. São Marcos para o Jd. Real. 2010. **Dissertação** (Mestrado em

Geografia) – Instituto de Geociências, Universidade Estadual de Campinas, Campinas.

DE PAULA, Fernanda C. Vulnerabilidade do lugar em bairros de Campinas. **Textos NEPO**, n.62, p. 23-50, 2011.

DE PAULA, Fernanda. Geografia humanista e fenomenologia: contribuições francófonas no *L'Espace Géographique*. **Geografia**, v. 39, p. 225-240, 2014.

DE PAULA, Fernanda C. Resiliência encarnada do lugar: vivência do desmonte na Linha (Brasil) e Mourenx (França). 2017. **Tese** (Doutorado em Geografia) – Instituto de Geociências, Universidade Estadual de Campinas, Campinas.

DE PAULA, Fernanda C.; MARANDOLA JR., Eduardo, HOGAN, Daniel Joseph. O bairro, lugar na metrópole: riscos e vulnerabilidades no São Bernardo, Campinas. **Caderno de Geografia** (PUCMG), v.17, p. 31-58, 2007.

DE PAULA, Fernanda C.; MARANDOLA JR., Eduardo; HOGAN, Daniel J. "Quando mato vira bairro é porque melhorou, não é?" Mobilidades e permanências na constituição de territorialidades urbanas. **GEOgraphia**, v. 12, p. 85-107, 2010.

DE PAULA, Fernanda C.; MARANDOLA JR., Eduardo; HOGAN, Daniel J. Vulnerabilidade e territorialidade em bairros de Campinas. **Textos NEPO** (UNICAMP), v. 61, p. 1-132, 2011.

DE PAULA, Luiz T. Perigos do lugar, memória e paisagem no Jardim Amanda, Hortolândia. **Textos NEPO**, n.62, p. 51-86, 2011.

DE PAULA, Luiz T. Fenomenologia dos espaços públicos: entre a segurança e as incertezas da vida urbana. 2016. **Dissertação de Mestrado** (Interdisciplinar em Ciências Humanas e Sociais Aplicadas) - Universidade Estadual de Campinas, Limeira.

DIAS, Juliana M. T. Infância em Gaston Bachelard: reflexões sobre o ensino de geografia. **Revista da Abordagem Gestáltica**, Goiânia, v. 22, n. 2, p. 162-170, dez. 2016.

Na fissura do presente
Eduardo Marandola Jr.

DIAS, Juliana M.T. Lugar geopsíquico: contribuições da psicanálise para uma epistemologia da geografia. 2019. **Tese** (Doutorado em Geografia) – Instituto de Geociências, Universidade Estadual de Campinas, Campinas.

DUSSEL, Enrique. **Filosofía de la liberación**. México: FCE, 2011.

DUSSEL, Enrique. **Filosofías del Sur**: descolonización y transmodernidad. Buenos Aires: Akal, 2015.

FERREIRA, Rafael Bastos. Husserl, mundo-da-vida e geografia. **Revista da Abordagem Gestáltica**, Goiânia, v. 22, n. 2, p. 119-126, dez. 2016a.

FERREIRA, Rafael Bastos. O mundo-da-vida como fundamento vital para as políticas de adaptação. 2016b. **Dissertação** de Mestrado (Interdisciplinar em Ciências Humanas e Sociais Aplicadas) - Universidade Estadual de Campinas, Limeira.

FOUCAULT, Michel. **As palavras e as coisas**: uma arqueologia das ciências humanas. Trad. Salma Muchail. São Paulo: Martins Fontes, 2000.

GADAMER, Hans-Georg. **Verdade e método I**: traços fundamêntias de uma hermenêutica filosófica. Trad. Flávio P. Meurer. Revis. Enio P. Giachini. 14ed. Petrópolis: Vozes, 2014.

GALVÃO FILHO, Carlos E.P. **Por abismos... casas... mundos**: ensaio de geosofia fenomenológica. Londrina: Eduel, 2019.

GIL FILHO, Sylvio; SILVA, Marcia A.S.; GARCIA, Rafael R. (Orgs.) **Ernest Cassirer**: Geografia e Filosofia. Curitiba: PPGeo/UFPR, 2019.

GRATÃO, Lúcia H.B. A Poética d' "O Rio" – ARAGUAIA! De Cheias...&... Vazantes...(À) Luz da Imaginação! 2002. 354p. **Tese** (Doutorado em Ciências: Geografia Física) – Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, Universidade de São Paulo, São Paulo.

GRATÃO, Lúcia H.B. O Rio se revela na voz dos personagens do lugar-ARAGUAIA!. **Caderno de Geografia**, v. 17, p. 89-119, 2007.

GRATAO, Lúcia Helena Batista. O direito de sonhar em geografia: projeção bachelardiana. **Revista da Abordagem Gestáltica**, Goiânia, v. 22, n. 2, p. 148-155, dez. 2016.

GUIMARÃES, Ivo Venerotti; RIBEIRO, Viviana. Notas para pensar o sujeito: geografia humanista com Deleuze e Guattari. **Revista da Abordagem Gestáltica**, Goiânia, v. 22, n. 2, p. 156-161, dez. 2016.

HARA, Tony. **Saber noturno**: uma antologia de vidas errantes. Campinas: Ed. da Unicamp, 2017.

HARAWAY, Donna. Saberes localizados: a questão da ciência para o feminismo e o privilégio da perspectiva parcial. **Cadernos PAGU**, n.5, p. 7-41, 1995.

HEIDEGGER, Martin. Construir, habitar, pensar. In: HEIDEGGER, Martin. **Ensaio e conferências**. Trad. Emmanuel Carneiro Leão, Gilvan Fogel, Marcia Sá Cavalcante Chuback. Petrópolis: Vozes, 2001a. p. 125-142.

HEIDEGGER, Martin. **A caminho da linguagem**. Trad. Marcia Sá Cavalcanti. 4ª ed. Petrópolis: Vozes; Bragança Paulista: Editora Universitária São Francisco, 2008.

HEIDEGGER, Martin. **Ser e tempo**. Trad. Fausto Castilho. Campinas: Editora da Unicamp; Petrópolis: Vozes, 2012a.

HEIDEGGER, Martin. A origem da obra de arte. Trad. Irene Borges-Duarte, Filipa Pedroso. In: HEIDEGGER, Martin. **Caminhos de floresta**. Trad. Irene Borges-Duarte, Filipa Pedroso, Alexandre Franco de Sá, Hélder Lourenço, Bernhard Silva, Vítor Moura, João Constâncio. 2ªed. Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian, 2012b. p. 5-94.

HOLZER, Werther. Geografia humanista – sua trajetória 1950-1990. 1992. **Dissertação** (Mestrado em Geografia) – Universidade Federal do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro.

HOLZER, Werther. A Geografia Humanista Anglo-Saxônica - de suas origens aos anos 90. **Revista Brasileira de Geografia**, Rio de Janeiro, v. 55, n.1/4, p. 109-149, 1993.

Na fissura do presente
Eduardo Marandola Jr.

HOLZER, Werther. Um estudo fenomenológico da paisagem e do lugar: a crônica dos viajantes no Brasil do século XVI. 1998. **Tese** (Doutorado em Ciências: Geografia Humana) – Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, Universidade de São Paulo, São Paulo.

HOLZER, Werther. A construção de uma outra ontologia geográfica: a contribuição de Heidegger. **Geografia**, v. 35, n.2, p. 241-251, 2010.

HOLZER, Werther. **A geografia humanista – sua trajetória 1950-1990**. Londrina: Eduel, 2016.

IHDE, Don. **Experimental phenomenology**. 2ed. New York: SUNY Press, 2012.

KOZEL, Salette. Das imagens às linguagens do geográfico: Curitiba, a capital ecológica. **Tese** (Doutorado em Ciências: Geografia Física) – Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, Universidade de São Paulo, São Paulo.

KUSCH, Rodolfo. **Geocultura del hombre americano**. Buenos Aires: Fernando Garcia Cambeiro, 1976.

KUSCH, Rodolfo. **América profunda**. Córdoba: Fundación Ross, 2000.

LADRIÈRE, Jean. **A articulação do sentido**. Trad. Salma Muchail. São Paulo: Edusp, 1977.

LEFF, Enrique. **El fuego de la vida**: Heidegger ante la cuestión ambiental. Mexico: Siglo Veintiuno, 2018.

LEVINAS, Emmanuel. **Totalité et infini**: essai sur l'extériorité. Paris: Le Livre de Poche, 2000.

LÉVINAS, Emmanuel. **De outro modo que ser ou para lá da essência**. Tradução de José L. Pérez; Lavínia L. Pereira. Lisboa: Centro de Filosofia da Universidade de Lisboa, 2011.

LIMA, Solange T. Paisagens & Ciganos. 1996. **Tese** (Doutorado em Geografia) – Instituto de Geociências e Ciências Exatas, Universidade Estadual Paulista, Rio Claro.

LIMA, Jamille S. Dardel levinasiano? O sentido da hipóstase e a irrupção do sujeito no lugar. **Geograficidade**, v. 8, p. 149-160, 2018.

LIMA, Jamille S. Identidade e lugar na metafenomenologia da alteridade Payayá. **GeoTextos**, v.15, n.2, p. 13-33, 2019.

MALPAS, Jeff. **Heidegger's topology**: being, place, world. Cambridge: The MIT Press, 2008.

MARANDOLA JR., Eduardo. Mapeando "londrinhas": imaginário e experiência urbana. **Geografia**, v. 33, p. 103-126, 2008a.

MARANDOLA JR., Eduardo. **Habitar em risco**: mobilidade e vulnerabilidade na experiência metropolitana. 2008b. **Tese** (Doutorado em Geografia) - Universidade Estadual de Campinas, Campinas.

MARANDOLA JR., Eduardo. Entre muros e rodovias: os riscos do espaço e do lugar. **Antropolítica** (UFF), v.24, p. 195-218, 2008c.

MARANDOLA JR., Eduardo. Heidegger e o pensamento fenomenológico em Geografia: sobre os modos geográficos de existência. **Geografia**, v. 37, p. 81-94, 2012.

MARANDOLA JR., Eduardo. Fenomenologia e pós-fenomenologia: alternâncias e projeções do fazer geográfico humanista na geografia contemporânea. **Geograficidade**, v. 3, p. 49-64, 2013.

MARANDOLA JR., Eduardo. **Habitar em risco**: mobilidade e vulnerabilidade na experiência metropolitana. São Paulo: Blucher, 2014.

MARANDOLA JR., Eduardo. Fenomenologia do ser-situado: crônicas de um verão tropical urbano. 2016a. **Tese**. Livre Docência (Sociedade e Ambiente) – Faculdade de Ciências Aplicadas, Universidade Estadual de Campinas, Limeira.

MARANDOLA JR., Eduardo. Identidade e autenticidade dos lugares: o pensamento de Heidegger em *Place and placelessness*, de Edward Relph. **Geografia**, v. 41, p. 5-15, 2016b.

Na fissura do presente
Eduardo Marandola Jr.

MARANDOLA JR., Eduardo. Geografias do porvir: a fenomenologia com abertura para o fazer geográfico. In: SPOSITO, Eliseu; SILVA, Charlei; SANT'ANA NETO, João; MELAZZO, Everaldo. (Org.). **A diversidade da geografia brasileira: escalas e dimensões da análise e da ação**. Rio de Janeiro: Consequência, 2016c. p. 451-466.

MARANDOLA JR., Eduardo. Hermenêutica do estranho e o mundo ordinário: fenomenologia e interdisciplinaridade. Revisão de texto-base da palestra realizada na Semana Acadêmica do Programa de Pós-Graduação em Cultura e Sociedade da Universidade Federal do Maranhão, dia 18 de Abril de 2017a. [não publicado]

MARANDOLA JR., Eduardo. Morte e vida do lugar: experiência política da paisagem. **Pensando: Revista de Filosofia**, v. 8, p. 33-50, 2017b.

MARANDOLA JR., Eduardo. O gosto da morte na vida dos lugares. **Geografias**, v. Ed.Esp, p. 71-82, 2018a.

MARANDOLA JR., Eduardo. Olhar encarnado, geografias em formas-de-vida. **Geotextos**, v. 14, p. 237-254, 2018b.

MARANDOLA JR., Eduardo. Ainda é possível falar em experiência urbana? Habitar como situação corpo-mundo. **Caderno Prudentino de Geografia**, v. 2, p. 10-43, 2020a.

MARANDOLA JR., Eduardo. Do lugar à lugaridade: desafios para uma geografia mais-que-extensiva. **Mercator**, v. 19, p.1-12, 2020b.

MARANDOLA JR., Eduardo. Fenomenologia como abertura para a interdisciplinaridade. **Revista do NUFEN**, v. 12, p. 1-25, 2020c.

MARANDOLA JR., Eduardo; DE PAULA, Fernanda C., FERNANDEZ, P. S. M. A experiência do caminhar e do olhar: três percursos na Ponte Preta. **Rua (UNICAMP)**, v. 13, n. 1, p. 61-78, 2007.

MARANDOLA JR., Eduardo; GRATÃO, Lúcia H. B. Do sonho à memória: Livia de Oliveira e a Geografia Humanista no Brasil. **Geografia**, Londrina, v. 12, n.2, p. 4-19, 2003.

MARANDOLA, Hugo; OLIVEIRA, Livia de. Origens da paisagem em Augustin Berque: pensamento paisageiro e pensamento da paisagem. **Geograficidade**, v. 8, p. 139-148, 2018.

MELLO, João B.F. Geografia humanística: a perspectiva de experiência vivida e uma crítica radical ao positivismo. **Revista Brasileira de Geografia**, Rio de Janeiro: IBGE, v. 52, n. 4, p. 91-115, 1990.

MELLO, João B. F. O Rio de Janeiro dos compositores da música popular brasileira: uma introdução à geografia humanística. 1991. **Dissertação** (Mestrado em Geografia) – Universidade Federal do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro.

MELLO, João B. F. Dos espaços da escuridão aos lugares de extrema luminosidade – o universo da estrela Marlene como palco e documento para a construção de conceitos geográficos. 2000. **Tese** (Doutorado em Geografia) – Universidade Federal do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro.

MOREIRA NETO, Henrique. Geografias do fim da vida: fenomenologia do ser geográfico na enunciação da morte. 2018. **Dissertação** (Mestrado em Geografia) – Instituto de Geociências, Universidade Estadual de Campinas, Campinas.

NOGUEIRA, Amélia R.B. Percepção e representação gráfica: a geograficidade. 2001. **Tese** (Doutorado em Ciências: Geografia Humana) – Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, Universidade de São Paulo, São Paulo.

NOGUERA, Ana P. **El reencantamiento del mundo**. México: PNUMA; Manizales: Universidad Nacional de Colombia, 2004.

NOGUERA, Ana P. **Cuerpo-tierra: el enigma, el habitar, la vida. potencias de un pensamiento ambiental en clave del reencantamiento del mundo**. Madrid: Editorial Académica Española, 2012.

NOGUERA, Ana P; MUÑOZ, Jaime Alberto P. **Cuerpo-Tierra: epojé, disolución humano-naturaleza y nuevas geografías-sur**. **Geograficidade**, v.4, n.1, p. 20-29, 2014.

NUNES, Benedito. **Passagem para o poético** (filosofia e poesia em Heidegger). São Paulo: Editora Ática, 1986.

Na fissura do presente
Eduardo Marandola Jr.

OLIVEIRA, Lívia. **Percepção do meio ambiente e geografia**: estudos humanistas do espaço, da paisagem e do lugar. MARANDOLA JR., Eduardo; CAVALCANTE, Tiago V. (Orgs.) São Paulo: Cultura Acadêmica, 2017.

PAIVA, Marcela B. Para além da escola e a pergunta pelos modos de ser da autonomia na educação. 2020. **Dissertação** (Mestrado Interdisciplinar em Ciências Humanas e Sociais Aplicadas) – Faculdade de Ciências Aplicadas, Universidade Estadual de Campinas, Limeira.

PALHARES, Virginia Lima. O simbólico em Edith Stein: uma aproximação com a geograficidade. **Revista da Abordagem Gestáltica**, Goiânia, v. 22, n. 2, p. 127-133, dez. 2016.

RICOEUR, Paul. **Na escola da fenomenologia**. Trad. Ephraimi F. Alves. Petrópolis: Vozes, 2009.

RICOEUR, Paul. **Tempo e narrativa**. São Paulo: Martins Fontes, 2012.

ROSAS, Gabrielle A. Convivendo com os riscos: mobilidade e fragmentação do espaço metropolitano na Via Anhanguera, Campinas-Sumaré. **Textos NEPO**, n.62, p. 87-124, 2011.

ROSAS, Gabrielle A. História como ruptura: organizações histórico-temporais e os três movimentos da existência de Jan Patočka. **Revista do NUFEN**, v. 9, p. 91-108, 2017.

SERRES, Michel. **Os cinco sentidos**: filosofia dos corpos misturados. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2001.

SERRES, Michel. **O incandescente**. Trad. Edgard A. Carvalho. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2005.

SILVA, Elisabete F. F. A produção ritualística de tambores no Samba de Cacete/PA. **RELACult**, UNILA, v. 5, ed. especial, p. 1-17, 2019a.

SILVA, Elisabete F. F. O fogo na geopoética da produção ritualística de tambores. In: DINIZ, Alexandre Magno Alves et al (Orgs.). **Metamorfozes possíveis compartilhadas**: leituras em Geografia Cultural. Belo Horizonte: Letramento, 2019b. p. 411-426.

SILVA, Elisabete F. F. Poética do fogo: imaginação bachelardiana entre vela, brasa e fogueira na produção ritualística de tambores. **Geograficidade**, v. 10, n. Especial, 2020.

SILVEIRA, Heitor M. Arruinamentos no retorno à Terra: fabulando memórias e ruínas. 2018. **Dissertação** (Mestrado Interdisciplinar em Ciências Humanas e Sociais Aplicadas) – Faculdade de Ciências Aplicadas, Universidade Estadual de Campinas, Limeira.

STEIN, Ernildo. **Pensar e errar**: um ajuste com Heidegger. 2ed. Ijuí: Ed. Unijuí, 2015.

Submetido em Novembro de 2019.

Aceito em Fevereiro de 2020.